



PLURALIDADE E UNIDADE DA IGREJA

(Plurality and unity of the Church)

Jason do Nascimento Costa

Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista

do Rio de Janeiro e Formação Integral pelo

Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil

E-mail: jasoncosta7@hotmail.com

RESUMO

Eclesiologia mais do que tratar dos aspectos gerais da Igreja, tal como tradição, doutrinas, compreensões teológicas, é falar do seu aspecto fundante, passageiro e eterno. Sobretudo partiremos de um olhar universal e plural dessa Igreja que é vista por Cristo, como um só rebanho, apesar de sua institucionalização e da multiplicidade de Igrejas Locais, e por razões de insistirmos em dividi-la, essa que é descrita e concebida nos textos neotestamentários e conciliares como a Igreja una, santa, católica e apostólica. Assim sendo, poderemos refletir a Eclesiologia por meio da sua heterogeneidade a constatar que na sua diversidade há uma *unipluralidade* na sua essência e estrutura.

Palavras-chave: Igreja. Ecumenismo. Unidade.

ABSTRACT

Ecclesiology rather than dealing with general aspects of the Church, such as tradition, doctrines, theological understandings; is the talking about foundational, challenging and eternal aspects. Let's start from an universal and plural Church views, which is seen by Christ as a flock, despite its institutionalization and the multiplicity of local churches, and for reasons we still insist to split it, in despite of the New Testament describes and designs the Church as "Una", holy, catholic and apostolic. Therefore, we can reflect the ecclesiology through their heterogeneity to note that in its diversity there is uni-plurality in essence and structure.

Keywords: Church. Ecumenism. Unity.

INTRODUÇÃO

Tratar da pluralidade da Igreja una é um desafio. A despeito do que se possa arrazoar sobre o que é a Igreja, é preciso dizer, primeiramente, algo que ela não é. A Igreja não é o agrupamento de pessoas perfeitas e inerrantes, mas a reunião de seres humanos errantes, porém salvos pela graça de Deus. Não são salvos porque deixaram de pecar, nem deixaram de pecar porque foram salvos. Para muitos, contudo, o que sobressai é o fato de ainda serem pecadores, justificados por Cristo. Ela não é simplesmente uma religião ou uma organização institucional, pois ela é composta por pessoas. Neste ajuntamento, há composição de joio e trigo, que embora parecidos, são essencialmente diferentes. Isso explica o caráter paradoxal da Igreja ao longo dos séculos; ao mesmo tempo em que é responsável por denunciar o mal e a injustiça e por prestar serviços humanitários, também é acusada de ser violenta e de cometer erros estupefatos.



O que deveria ficar claro de início é o seguinte: as diferentes concepções de igreja com que nos deparamos no Novo Testamento não devem ser entendidas como alternativas, dentre as quais se pode escolher alguma de acordo com a necessidade, como se fossem ofertas de um mercado. Esse seria um procedimento muito superficial, que levaria a ignorar as outras tradições cristãs, que são tão cristãs quanto a que optamos ser.

Portanto a Igreja não é em si mesma uma finalidade única e terrena. Assim como a sociedade muda, a igreja, nesta metamorfose, está sendo moldada pelo próprio Senhor da história, de modo que Deus levanta, em determinados períodos, homens que, com as comunidades locais, revelam a continuidade da Igreja de Cristo que é por ele reinventada e dinamizada.

Assim sendo, é importante analisarmos o afastamento e a descrença dessa unidade que parece tão longe, mesmo assim, os movimentos ecumênicos têm mostrado avanços no desejo de Jesus para a Sua Igreja, de sermos um, assim como ele é com o Pai, uma comunidade perfeitamente relacional e harmônica. Essa unidade não é almejada pela uniformidade de todas as tradições cristãs fundidas a uma única denominação, isso é, numa proposta de nova religião universal cristã, pois o que trataremos nessa temática será no sentido da universalidade e catolicidade da comunidade cristã chamada empiricamente Igreja; refletida enquanto igrejas locais que esquadrinha a universalidade da uma Igreja.

1. OS FUNDAMENTOS ECLESIOLÓGICOS

Tratar da Igreja significa, por sua vez, reconhecer tanto a convocação divina para a qual ela convida – sentido ativo da palavra grega *ekklesia* –, como a comunidade humana que ela gera – sentido passivo de *ekklesia*. Por isso, precisamos nos aproximar da eclesiologia *in medio Ecclesiae*,¹ assumindo ao mesmo tempo sua dimensão espiritual, sem cairmos no fundamentalismo, e sua historicidade, sem reduzi-la tão somente ao sociologismo.²

É importante a análise do fundamento, missão e identidade da Igreja na contemporaneidade. Uma das características dessa igreja será abordada a partir dos apóstolos, e inicialmente sobre o Concílio de Nicéia. Essa Igreja que, apesar de ganhar uma conotação de instituição religiosa, é também parte legítima, porém não única, do Reino de Deus e guardiã desse Reino.³

Existem atualmente 33830 denominações cristãs⁴ no mundo. Desde a Reforma Protestante, o cristianismo é dividido em três grandes tradições: Catolicismo Romano; Igreja Ortodoxa e Protestantismo, com suas ramificações denominacionais. Segundo esses mesmos dados, 2,1 bilhões de pessoas no mundo⁵ são considerados cristãos, sendo atualmente o cristianismo a maior religião do mundo. Mas o que de fato vem a ser Igreja de Jesus? Simplesmente uma organização religiosa? Qual o conceito neotestamentário para a compreensão de Igreja? Qual seu lugar no mundo, e porque ela foi estabelecida? Porque instituições eclesiais que a representam são tão falhas, mesmo sustentando as prerrogativas do Credo Niceno? Quem ou o que representa a continuidade dessa Igreja de Cristo?



1.1. igreja Neotestamentária

A fundamentação da Igreja se dá no testemunho apostólico com registro nas cartas universais e nos evangelhos. Jesus Cristo é tanto a origem quanto o fundador e o fundamento da Igreja. Com Sua morte e ressurreição, os apóstolos, principais testemunhas da sua vida, reúnem-se numa comunidade religiosa composta essencialmente por judeus ou gentios convertidos, centrada na cidade de Jerusalém.⁶

É importante salientarmos que nenhuma comunidade cristã da antiguidade mantinha uma uniformidade na sua eclesiologia. Essa pretensão normativa, no entanto, parece questionada pelo fato de haver lado a lado, no Novo Testamento, uma pluralidade de concepções de igrejas. Hoje, não é mais possível dirigir-se ao Novo Testamento com a expectativa de nele encontrar uma doutrina uniforme sobre a Igreja que, por corresponder as Escrituras, pudesse como tal ser transposta diretamente para a nossa situação atual. A Igreja desse período só se nomeou como tal, porque a seu tempo foi luz e sal do mundo. Assim, na prática, esse procedimento geralmente resultou em que se encontrasse no Novo Testamento, apenas a confirmação daquelas concepções sobre natureza e forma da Igreja que eram determinantes para a própria tradição confessional.

Já Jürgen Ruloff vai considerar que a pesquisa histórico-crítica nos ensina a reconhecer a diversidade e, com isso, também a sua estranheza.⁷ No entanto, não nos deixa desorientados diante dessa pluralidade e aporia, mas proporcionando-nos acesso à riqueza do ideário neotestamentário, que nos desafia a ingressar num processo cognitivo diferenciador. Ao falar da Igreja como decorrência da atuação de Jesus, Ruloff vai radicalizar sobre essa premissa, dizendo que Jesus não fundou diretamente a Igreja durante a sua atuação terrena, nem preparou a sua fundação para o tempo após o fim de sua vida. É que ela – consciente ou inconscientemente – parte de uma visão do cristianismo como uma nova religião, fundada por Jesus, para então entender a igreja como comunidade voltada para a prática e a difusão do novo ideário religioso, provindo de Jesus. Sendo que Jesus não foi o fundador, mas é o fundamento da igreja.⁸

A existência da Igreja é, antes, conseqüência de um acontecimento em cujo ponto de partida se situa a mensagem e a atividade de Jesus de Nazaré. É como na convicção das testemunhas neotestamentárias, esse acontecimento foi uma ação de Deus, a existência da Igreja é, para elas, a conseqüência necessária, e não historicamente acidental, da mesma. A partir dessa noção, a Igreja dos primórdios resistiu tenazmente a todas as tentações de constituir-se, em analogia a outras com unidades culturais, como associações independentes umas das outras, cada qual determinada pelas circunstâncias regionais e culturais dadas. O teste decisivo para essa unidade foi o concílio dos apóstolos. Ali ficou claro, pela primeira vez, o que constitui e assegura tal unidade; não a uniformidade organizacional e estrutural, mas a sujeição conjunta às demonstrações manifestas do agir salvífico escatológico de Deus, das quais vive a *ekklesia* de Deus.⁹

Compreende-se que cada igreja local interligada a princípios a outras igrejas locais resultam na formação da Igreja Una e universal. Entende-se perfeitamente que, no Novo Testamento, a palavra *Ekklesia* é usada no plural e esta ligada a nomes de igrejas locais, que por vezes podem representar mundos muitos diversos: Jerusalém e Éfeso, Antioquia



e Roma, Alexandria e Colossos e assim por diante. Há, portanto nesse exemplo uma pluralidade de Igrejas locais,¹⁰ nas quais e pelas quais se manifesta uma única igreja cristã, todos são como membros que formam um único corpo. O conceito paulino de Igreja como *Corpo de Cristo*, *Lavoura do Senhor* e *Noiva de Cristo*, são as apreciações analógicas fundantes, isto é, os conceitos primeiros dados pelos escritores neotestamentários à conceituação da Igreja, esses, são importantes para se estudar e compreender a Igreja Cristã a seguir.

1.2. Eclesiologia a partir de Nicéia

Até esse momento os concílios tinham sido sempre regionais ou locais. Em Nicéia, teremos o primeiro concílio geral ou ecumênico,¹¹ realizado em 325 d.C.¹² Provavelmente, a iniciativa desse concílio foi do bispo de Córdoba, Óssio¹³ e do bispo de Alexandria, Alexandre¹⁴, que fizeram a proposta ao Imperador Constantino. Diante da gravidade das questões discutidas e da complexidade da situação, que envolvia tantos bispos e padres. O Imperador teria tomado a iniciativa da convocação para esse que é considerado um dos concílios¹⁵ mais importantes da cristandade. O executor do projeto foi o próprio Constantino, que mandou cartas de convocação aos bispos e escolheu o lugar, Nicéia, cidade vizinha da sede imperial de Nicomédia.¹⁶

Há varias afirmações teológicas a seguir contidas no Credo Niceno, com o fim de defender a concepção do cristianismo daquela época e que vem dando base também para a igreja cristã contemporânea. Sobre a crença na existência dessa Igreja que é *Una*, Santa, Católica e Apostólica o teólogo Rosino Gibellini, cita um pensamento de Dietrich Bonhoeffer que vai afirmar:

Cremos que a Igreja é una, porque é 'Cristo existindo como assembleia', e Cristo é o único Senhor sobre os que formam uma unidade nele; que é santa, porque o Espírito Santo está atuando nela; que é católica, porque como Igreja de Deus tem recebido seu chamado para estender-se por todo o mundo, e onde se prega a Palavra de Deus ali está ela. Não cremos na igreja como um ideal inalcançável que, todavia, deve consumir-se, mas uma realidade presente.¹⁷

Quando se refere à Igreja os símbolos de fé não dizem: *Eu creio na Igreja (credo in Ecclesiam)*, mas *Eu creio a Igreja (credo Ecclesiam)*, isto é, creio na existência da Igreja. A expressão *eu creio a Santa Igreja Católica* é, portanto, a proclamação da fé dos cristãos, não na Igreja (no sentido de *credere in*), mas na realidade de sua existência. Um credo irlandês do século VII, conservado no antifonário de Bangor, diz expressamente: *creio [...] na existência da Santa Igreja Católica*.¹⁸

Afirmar, portanto, o conceito de que Crer a Santa Igreja Católica, segundo Álvaro Barreiro, é crer que na *congregatio* ou *communio fidelium*, reunida de modo visível na comunidade local e espalhada por todo o mundo, está presente e atua salvificamente o Senhor ressuscitado pela força do seu Espírito. O mesmo autor baseia o seu pensamento na proposição de Barth no que se refere a comunidade cristã, aparece e subsiste não como um produto de forças naturais ou o resultado de decisões tomadas pelos homens no curso da história, mas como convocação divina.¹⁹ Por outro lado, *quando os homens*,



aqui ou lá, se reúnem sob a ação do Espírito Santo, aparece uma comunidade cristã visível.

Para testemunhar e viver à *Sanctam Ecclesiam Catholicam* é necessário, portanto, haver recebido o dom da fé. Não basta ver sua dimensão institucional, societária e jurídica. Por outro lado, a Igreja não é uma realidade puramente invisível, que em última instância, não tem nada a ver com as estruturas histórico-sociais. Os dois aspectos, o visível e o invisível, são constitutivos da Igreja.²⁰

De tudo o que foi exposto até aqui, sobre a crença nessa Igreja, segue-se que não é possível a fé em Jesus Cristo à margem da comunidade de fé que é a Igreja. Barreiro enfatiza o pensamento de Barth que insiste repetida e incisivamente nesta dimensão eclesial da fé: *Todo cristianismo privado é ilegítimo*, e ainda:

Credo Ecclesiam, significa: eu creio que a comunidade à qual pertença, na qual fui chamado para a fé, e da qual e na qual sou responsável, na qual sou servidor, é a Igreja una, santa, universal. Se não o creio aqui, não o creio de maneira alguma. Nenhum defeito, nenhuma 'mancha nem ruga' desta comunidade podem me induzir a erro a este respeito; é um artigo de fé.²¹

Portanto, crer na Igreja é acreditar na existência da universalidade da salvação que é oferecida a todos os seres humanos, que reconhecem em Cristo, o senhoril de suas vidas. Este conhecimento da fé só é possível no Espírito Santo. É Ele que suscita em nós a fé.²²

1.2.1. Igreja Una

Erroneamente se confunde *una* (adjetivo) com *uma* (numeral). Quando se diz *uma* pensa-se em quantificação: uma igreja. Em termos de administração e governo, ênfases litúrgicas e teológicas, entre outros, não há uma igreja, mas várias (há de fato um número imenso de denominações cristãs). Os antigos não pensavam necessariamente em uma igreja, no sentido numeral, mas pensavam na Igreja *una* (de unidade). A unidade da Igreja vem do próprio Deus. De acordo com o teólogo Jon Sobrino: *A Igreja verdadeira é una porque uma é sua origem, porque há um só Deus, um só Senhor, um só batismo, como afirma Paulo*.²³

O apóstolo Paulo afirma que, embora sejamos muitos e diferentes uns dos outros, *somos um e o mesmo corpo em Cristo*, e também ligado uns com os outros por meio de um só corpo (Rm 12,5). Que corpo é esse do qual fazemos parte? Este corpo é a Igreja (Cl 1,24). É por meio do batismo, mediante a fé concedida pelo Espírito Santo que nos tornamos membros desta Igreja. Há várias metáforas para se entender a composição da comunidade cristã. Uma das analogias para descrever a Igreja é justamente que ela é o corpo místico de Cristo, sendo ele mesmo a cabeça; por isso, a importância da unidade da igreja, como um só corpo, todos devem zelar pela sua conservação.²⁴ A cada membro desse corpo é dado os carismas que são animados pelo Espírito Santo, que dá vida para o exercício do serviço em amor.



Nesse corpo, não há um membro mais importante do que o outro.²⁵ A Igreja ainda é compreendida como a esposa do Senhor, conforme registrado em Ap 12,1-6, 1Co 6,12 e Ef 5,21.²⁶ Outros símbolos são usados para a representação dessa igreja: Assim, a Igreja é o redil, cuja única e necessária porta é Cristo, e rebanho dele (cf. Jo 10,14); a Igreja é a agricultura ou o campo de Deus (cf. 1Cor 3,9); a Igreja é também muitas vezes chamada construção de Deus (cf. 1Cor 3,9).²⁷

Esse é o ideal de Deus para a sua Igreja, a unidade de seu povo fundada no evento cristológico. É mediante o poder de Cristo que essa Igreja é reconhecida como Povo de Deus e mantida unida nele e a ele. Um corpo sem cabeça não tem vida, portanto, cada membro desse corpo tem que está ligado a Cristo, e se assim for, todos são um nele! O Espírito Santo une a Igreja na comunhão e no serviço comunitário. Mesmo única ela é distinta e sobre isso, Paul Tillich vai considerar que:

[...] as igrejas constituem uma unidade por causa de seu fundamento: o Novo Ser, que atua nelas. Mas a unidade das igrejas não pode ser derivada de sua unidade efetiva; tão pouco é preciso negar o predicado da unidade por causa da sua atual desunião. Tal predicado independe dessas realidades e possibilidades empíricas. Ele é idêntico à dependência de qualquer igreja efetiva da Comunidade Espiritual como sua essência em poder e estrutura. Isso vale para qualquer igreja local, para qualquer confissão e denominação que esteja fundamentada no evento de Cristo. A unidade da igreja é real em cada uma delas apesar do fato de estarem separadas uma das outras.²⁸

Já nos tempos apostólicos, as igrejas tinham que saber lidar com as diversidades de características que as distinguiam uma das outras. A cada nova cultura, novos horizontes. E o que fazia com que dessa pluralidade de igrejas, esses seguidores de Jesus, fossem um só rebanho? O Cristo, fundamento, Senhor e Sumo Pastor de todos!

Mesmo com as varias subdivisões, no cristianismo, é possível afirmar ser essa Igreja una? A unidade não é percebida, aqui, como ação de reunir pessoas que anteriormente receberam cada uma delas, a salvação, e ingressaram numa relação pessoal com Deus, em uma única denominação cristã. Ela não resulta da harmonia de convicções e interesses. O que fundamenta essa unidade é, antes, o agir reconciliador de Cristo, do qual surge a Igreja e a experiência concreta da reconciliação na Igreja, com o poder de anular a inimizade e divisão. É bom deixar claro: a Igreja de Cristo não é religião nem instituição, embora sejam duas coisas que acompanham a sua dinâmica.²⁹ Sua unidade é uma realidade, não porque as comunidades cristãs estão sob uma única tradição, hierarquização ou denominação cristã, mas sob Cristo, e tal unidade resulta da sua santidade, porque Cristo é santo!

Segundo Ruloff, o ponto de vista dessa concepção de unidade é, portanto, cristológico e soterológico. A unidade universal faz parte da natureza da Igreja.³⁰ A existência paralela de uma pluralidade de igrejas que baseado na compreensão da carta aos Efésios de uma igreja mesmo plural ser uma única igreja vai, portanto considera que a unidade que ela fala não tem o traço de uniformidade³¹ mas de um corpo com membros diferentes, porém coexistindo num único corpo, por existir apenas uma só cabeça.



O cuidado de restabelecer a união diz respeito a toda a Igreja, isto é, dos crentes como dos pastores (bispos, padres, líderes em geral) e a cada um segundo as próprias forças, tanto na vida eclesial de cada dia como nos estudos teológicos e históricos.³² Apoiado nisso, surge à necessidade de nos conhecermos mutuamente e de estabelecermos diálogos em pé de igualdade com todos os cristãos, inclusive com aqueles que julgamos diferentes sem, contudo, cairmos no relativismo. Portanto, a Igreja é una, porque Cristo é seu único Sumo Pastor. É plural, pela sua diversidade que a enriquece e a torna semelhante à imagem do Deus trino, que em harmonia resulta num único Deus.

1.2.2. Igreja Santa

A santidade da Igreja como *communio sanctorum* é de difícil defesa, pois ela não é o ajuntamento de santos impecáveis, mas de pecadores salvos pela graça de Deus, em Cristo, que continuam pecadores. Como dizia Lutero: ser o cristão, ao mesmo tempo, justo e pecador. O escritor Lewis C. S., citado por Hermisten Costa, ao afirmar sobre a falta de santidade do povo de Deus na História, diz o seguinte:

Se algum dia for escrito o livro que eu não hei de escrever, ele deverá ser a confissão da cristandade inteira acerca da contribuição específica da cristandade para a soma da crueldade e traição da humanidade [...] Nós gritamos o nome de Cristo, e agimos a serviço de Moloque.³³

Infelizmente, Lewis tem razão em fazer essa afirmação visceral, da qual dizemos crer numa igreja santa, mas que ao mesmo tempo pratica ações das quais Cristo reprovava veementemente. Com bastante facilidade, se vê em qualquer igreja a pecaminosidade dos membros. A Bíblia registra problemas terríveis já nas igrejas do Novo Testamento: divisionismos, disputas de poder, brigas entre membros, autoritarismo da parte de alguns líderes, conduta imoral, problemas doutrinários, entre outros.³⁴ Assim, como falar em santidade da Igreja? Teria o Concílio descrito utopicamente algo que ela não fosse, ou passou a não ser? O pensamento do teólogo reformado João Calvino que com perspicácia diferencia santidade de perfeição afirma que o Senhor trabalha dia a dia para eliminar as rugas e as manchas da igreja. Que há imperfeições, mais que em Cristo ela continua no processo da santificação. Segue-se que a sua santidade ainda não é perfeita. Portanto, a igreja é santa no sentido de que diariamente cresce e se fortalece em santidade, mas ainda não é perfeita.³⁵

Ao comentar Gálatas 1,10, Calvino declarou que a Igreja terá sempre em seu seio pessoas hipócritas e perversas, que preferem suas próprias cobiças à Palavra de Deus. Agostinho já alertara a respeito da diferença entre o reino de Deus e a Igreja, lembrando que nem todos os que estão na Igreja estão realmente no Reino. A Igreja é santa aos olhos do Senhor. Cada membro é santo pelos méritos de Cristo. A condição de santos não se dá por méritos próprios, mas pela graça de Deus que lhes é conferida. Em razão disso, o Novo Testamento sempre se refere às igrejas como formadas por *santos*³⁶ (Rm 1,7; 1Co 1,2; 2Co 1,1; Ef 1,1; Fl 1,1 e Cl 1,2). A Igreja, segundo Lutero, congrega ao mesmo tempo pecadores e santos, hipócritas e cristãos devotos, joio e trigo. Ele vai afirmar que: *Nossa santidade está nos céus, onde Cristo está; não no mundo, perante o*



homem, como um produto no mercado,³⁷ pois a todos é oferecida a oportunidade do Reino dos Céus.

Como entender a distinção entre a Igreja santa e os membros pecadores? O fato é que, a santidade da Igreja não está fundada, por exemplo, nos seus membros, nas suas ações e omissões de natureza religiosa e moral. No Antigo Testamento, santo *kadad* significa delimitar, cortar, separar e isolar do que é impuro, segregar para o serviço de Deus; o puro se torna santo ao ser subtraído do uso profano e consagrado a Deus.³⁸ O sentido de segregação é encontrado também, na palavra grega ἅγιος, no Novo Testamento. O termo latino *sanctus*, provenientes de *sancire*, (delimitar, rodear, santificar) se opõe ao *profanus*. Isso quer dizer o seguinte: santo é aquilo ou são aqueles que Deus segregou e pôs à parte. É por meio do próprio Deus que seu Reino desce até os homens. Do mesmo modo, é o próprio Deus, que nos homens, santifica escatologicamente o Seu nome³⁹ (cf. Mt 6,9. Lc 11,2). Deus, em Cristo, foi e é o autor da santificação, justificação e eleição de seus santos. É ele quem torna a Igreja santa!

Esta Igreja, sem mancha nem ruga, (cf. Ef 5,25-27) não será realidade propriamente dita, plena e manifesta, senão no fim dos tempos. Confirmando essa verdade, Hans Küng apóia-se na análise de Santo Agostinho:

Sempre que nas minhas obras assinalai a Igreja como sendo sem mancha e sem ruga, não é necessário entende-lo, como se a Igreja fosse tal, já agora, mas sim que se prepara a ser tal, quando também ela aparecer glorificada. Presentemente por causa da inexperiência e das fraquezas dos seus membros, ela tem de repetir cada dia: Perdoa-nos as nossas ofensas [...].⁴⁰

O pensamento de Tomás de Aquino faz coro com o de Agostinho, pois segundo Agostinho a Igreja gloriosa, sem mancha e sem ruga, é o fim último ao qual nos conduz a paixão de Cristo. Desde modo, a Igreja composta de homens, que é também a Igreja de Deus, em virtude da sua graça, revela-se como comunhão que é simultaneamente pecadora e santa (*simul sancta et peccatrix*). Diante disso, Küng vai dizer que, apesar de tudo, a Igreja deve ser uma comunidade segregada, mas não retirada; distinta, mas não separada; distinguida, mas não isolada. Enquanto santa, a Igreja está posta por Deus à margem do mundo: eis o resultado da graça de Deus.⁴¹

Dizer que a Igreja é santa, é afirmar que ela é mais do que uma instituição organizacional, ela é um organismo vivo. Ela é sustentada pelo Espírito Santo, autor da história e orientador de sua Igreja. Nas palavras de Paul Tillich, temos o seguinte:

[...] uma igreja é santa porque é a comunidade daqueles que são justificados pela graça mediante a fé - e as igrejas efetivamente anunciam a seus membros esta mensagem como 'boas novas'. Mas esta mensagem também é válida para as próprias igrejas. As igrejas, vivendo nas ambiguidades da religião, são santas apesar disso. Elas são santas, porque se encontram sob os juízos positivo e negativo da cruz. [...] a igreja santa é a igreja distorcida, e isso significa qualquer igreja no tempo e no espaço.⁴²

A Igreja apostólica tinha uma consciência muito clara da sua santidade e que levava muito a sério suas exigências. Mas era também muito consciente de ser uma Igreja de



pecadores, de que precisava converter-se, ser perdoada e santificada incessantemente por Deus.⁴³ Paul Tillich tem razão em afirmar que somos justificados e que vivemos nessa ambiguidade de dupla cidadania: terrena e celestial. Não se deve pensar que o corpo da Igreja, neste tempo de sua peregrinação terrena, consta somente dos membros que sobressaem pela santidade, ou que reúne somente aqueles que tenham sido escolhidos por Deus para a felicidade eterna.⁴⁴

A Igreja não é um clube ou um ajuntamento social. Ela é uma realidade espiritual. Por isso, é preciso um referencial transcendental para explicá-la. Esse referencial, em sentido bíblico, é a criptologia e o pneumatológico.⁴⁵ Outro ponto importante é a metáfora da Igreja como Corpo de Cristo, aludido anteriormente. A expressão não aparece nem nos evangelhos nem em Atos, mas em vários textos paulinos.⁴⁶ Isto significa dizer que não existe uma uniformidade, mas uma pluralidade em torno da sua universalidade que, sob a cruz de Cristo, a torna uma unidade de membros ligados a uma só Cabeça, Cristo. Ela é santa, porque Cristo é a sua Cabeça, o seu Justificador e o seu Redentor.

1.2.3. Igreja Católica ou Universal

Quando falamos Igreja ou eclesiologia católica, estamos falando dos salvos em Cristo Jesus, em todo o mundo. A Igreja é universal e atemporal devido ao seu fator integrante: a fé na promessa de salvação por meio de Jesus Cristo. O termo grego *katholikos*⁴⁷ significa aquilo que é universal, que tem haver com o todo. Os Pais da Igreja primitiva usaram essa palavra para expressar um importante ensino neotestamentário, o de que a Igreja como um todo é mais do que uma igreja local. Inácio de Antioquia escreveu em sua carta à igreja de Esmirna: *Onde quer que esteja um bispo, ali estará o povo; da mesma forma, onde estiver Cristo Jesus, ali estará a igreja católica.*⁴⁸ Esse termo ganhou novo significado para se distinguir dos 'hereges' gnósticos, montanistas e arianos.

Com Constantino, ou mais precisamente com Teodósio, em 380 d.C., '*ecclesia catholica*' tornou-se a única religião nacional legalizada e aceita pelo Império.⁴⁹ Já naquela época, os novacianos e, mais tarde, os donatistas sustentam a teologia ortodoxa, mas se separam da oficial religião legalizada. Leão XIII vai afirmar que: *embora as igrejas divirjam-se uma das outras nas suas varias comunidades cristãs e profissões de fé, estão todas elas unidas num laço invisível.*⁵⁰ Ao mesmo tempo em que essa igreja se torna visível por ser um corpo, é invisível por congregar, por meio do Espírito Santo, homens de todos os lugares. Todos estão ligados a Cristo, mesmo não estando unidos numa única tradição religiosa, são, porém, como um corpo com diversos membros e funções que estão conectados a uma só cabeça, Cristo!

No período da reforma, *católica* foi um termo substituído por *cristã*. Esse termo é enfatizado como uma igreja atemporal com forte reivindicação nos ensinamentos apóstolos e nas escrituras,⁵¹ pois a Igreja não se limita ao tempo ou ao espaço físico, ela é moldável a todos os povos, gerações e épocas. Na verdade, ela é católica ou universal, pois está presente em todo lugar e em qualquer tempo, para os que crêem em Cristo Jesus como Senhor e mestre. Também une a um só corpo todos os chamados pelo Espírito Santo e



que confessam a sua fé no Senhor e no seu sacrifício.⁵² Carlos Calda, citando o pensamento antigo de Cirilo de Jerusalém (315-386) diz que:

A Igreja é chamada 'católica' porque se estende por todo o mundo, de um extremo da Terra ao outro. E porque ensina completamente, e sem quaisquer omissões, todas as doutrinas que devem ser conhecidas da humanidade concernentes aos assuntos visíveis e invisíveis, terrestres e celestes; e porque congrega todos os tipos de pessoas - soberanos ou súditos eruditos ou ignorantes - sob a influência da verdadeira piedade; e porque universalmente trata de todo tipo de pecado e o cura, seja cometido pela alma seja pelo corpo [...]. Ela (a igreja) é a noiva de nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho unigênito de Deus.⁵³

A centralidade dessa Igreja não está nos elementos litúrgicos, na tradição ou nos tratados teológicos. As confissões entendem o caráter universal da Igreja como pessoas dispersas por todo o mundo, unânimes no Evangelho e no Cristo. É importante destacar que Lausanne (1917), o Vaticano II (1964), e outros movimentos ecumênicos, ao longo dos anos, elencaram a temática e proporcionaram avanços em relação a essa nova cosmovisão de Igreja, em meio a sua diversidade, isto é, única, porém universal. E, por ser universal, é marcada por acentuadas peculiaridades.

Com a Reforma, a catolicidade passa ser compreendida, cada vez mais claramente, como ortodoxia em continuidade com a fé evangélica, fé que pode existir no indivíduo, mesmo antes e fora da Igreja reformada, mas que nas Igrejas reformadas atingiu uma nova forma eclesial.⁵⁴ Calvino vai ajuizar sobre a catolicidade da igreja, dizendo que somente Deus conhece os que lhe pertencem, pois Ele os mantém ocultos sob seu selo. E mais:

Eis por que a Igreja diz-se católica ou universal, visto não ser possível encontrar duas ou três sem que Cristo esteja dividido, o que, alias, não pode suceder. De tal modo os eleitos de Deus estão unidos em Cristo que, assim como dependem todos de uma única Cabeça, do mesmo modo constituem um só corpo, unidos por ligaduras semelhantes àquelas que há nos membros do corpo humano.⁵⁵

Com efeito, igreja local é um *evento* da Igreja universal, que é encontrada e vivida em cada igreja local. Todavia, a igreja local não é simples expressão geográfica ou mera porção do rebanho, como também não é apenas uma representação da Igreja e, muito menos, quantitativamente a Igreja, a comunidade ou assembleia universal, pois pode haver outras comunidades locais com os mesmos títulos, prerrogativas e direitos. Por isso, a Igreja universal não é mero resultado da soma das igrejas locais.⁵⁶

O Código de Direito Canônico, nos cânones 368 e 369⁵⁷, nos ajuda a entender que o Povo de Deus é um só povo, não porque se compõe de numerosas Igrejas locais, mas porque cada uma das comunidades é uma forma sob a qual se apresenta este único povo de Deus. A Igreja universal está toda em cada uma das igrejas locais. Assim sendo, a igreja local é a realização concreta da Igreja universal. G. Hackmann com firmeza vai dizer que:



Uma igreja não é católica em função da extensão espacial: a catolicidade não é apenas um conceito geográfico. De que serve a uma Igreja ser de toda a mais espalhada, se de fato atraíu a sua essência? De que serve o prestígio de seu caráter internacional se seus meios de chegar lá foram terrestres, políticos de um imperialismo espiritual? A catolicidade da Igreja consiste, portanto, numa totalidade; sendo uma, a Igreja tem de ser universal e, portanto, fiel aos ensinamentos neotestamentários.⁵⁸

A Igreja universal (católica) se concretiza em Igrejas particulares (locais), que são o que são, dentro dos condicionamentos culturais, lingüísticos, psicológicos, classistas de uma religião, vivem e testemunham a mesma identidade de fé. A catolicidade não é simplesmente o fator, geográfico, sociológico e histórico da Igreja, mas constitui uma característica de cada igreja particular, enquanto cada uma, exatamente em suas particularidades e não, apesar delas, se abrem ao universal presente também em outras igrejas particulares.⁵⁹

O teólogo Leonardo Boff vai considerar que pertencer à catolicidade é poder encarnar-se, sem perder sua identidade, nas mais diferentes culturas, isto é, ser católico não consiste, segundo ele, em expandir o sistema eclesial, mas em poder, dentro de uma determinada cultura, viver e testemunhar a mesma fé em Jesus Cristo.⁶⁰ Küng afirma que assim, a catolicidade passa a ser compreendida, cada vez mais claramente, como ortodoxia, em continuidade com a fé evangélica, fé que pode existir no indivíduo, mesmo antes e fora da Igreja reformada ou qualquer outra expressão de renovação dessa Igreja, mas que nas Igrejas reformadas atingiu uma nova forma eclesial.⁶¹

1.2.4. Igreja Apostólica

O Novo Testamento é o testemunho vivo dos apóstolos⁶², fundamental e, portanto, normativo para a Igreja de todos os tempos.⁶³ Por que apostólica essa comunidade de cristãos perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações; edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular. Os apóstolos morreram; não existem outros novos. Mas a missão apostólica continua, porque ultrapassa a pessoa dos apóstolos.⁶⁴

O fundamento é a base para qualquer construção e esta Igreja tem como base os apóstolos, que fundamentavam seu alicerce em Cristo. A sua segurança depende de um fundamento firme e bem estruturado. Cristo não é apenas o fundamento, mas a significância principal que compõe esta igreja (At 4,11; 1Co 3,11 e 2Tm 2,19).⁶⁵ Muito embora as denominações do cristianismo reivindiquem para sua estrutura eclesial a legitimidade de ser Igreja, só pode se tornar de fato, quando é fundamentada essencialmente em Cristo.

A Igreja não é uma comunidade religiosa de admiradores de Cristo, mas o Cristo que tornou forma entre os seres humanos, sendo o que nela se realiza, acontece de forma exemplar e representativa para todos os seres humanos. A Igreja é uma construção permanente do Cristo. Portanto, o Vaticano, as Convenções, Sínodos, Alianças Ecumênicas, as ligas evangélicas, as agremiações ortodoxas da Igreja, devem ser facilitadoras para essa corporação de Igrejas cristãs daqueles que confessam Jesus como



Senhor e não se intitulem como autêntica ou verdadeira Igreja de Cristo, mas uma guardiã dessa Igreja invisível. Elas permanecem como comunhão.⁶⁶ A Igreja é, o grupo de pessoas seguidoras de Cristo e que se reuni em qualquer lugar e que são conduzida e orientada pelo Espírito Santo e pelas Escrituras.

O princípio que diz: *Ecclesia Reformata et Semper Reformanda est*, deve aplicar-se a todas as Igrejas. Dietrich Bonhoeffer compreende que essa reforma contínua deve ser característica da Igreja que como corpo vivo se desenvolve e amadurece, e mais a igreja da Reforma é a igreja daqueles que se expõem ao chamado à penitência, deixando que Deus seja Deus, que sabe que aquele que está de pé cuide para não cair e que não se vanglorie por estar de pé. A igreja que está em penitência, a igreja que deixa que Deus seja Deus, esta é a igreja dos apóstolos.⁶⁷

Portanto, as Igrejas também são chamadas a reexaminar sua vida eclesial e sua autocompreensão. A Igreja é apostólica se, na sua vida e fé, mantém a continuidade com a fé apostólica, se mantém fiel à tradição apostólica da Igreja. Eis o que diz a declaração do Conselho Mundial de Igrejas:

A tradição apostólica da Igreja significa a continuidade das características permanentes da Igreja dos apóstolos: testemunho da fé apostólica, proclamação e interpretação atual do Evangelho, celebração do batismo e da Eucaristia, transmissão das responsabilidades ministeriais, comunhão na oração, amor, alegria e sofrimento, atendimento aos enfermos e necessitados, unidade entre as igrejas locais e compartilhamento nos dons que Deus conferiu a cada um.⁶⁸

Sem as características mostradas pelo CMI uma comunidade ou instituição que leva o título de cristã, sem vivenciar esses elementos apostólicos, rompe com conceitos básicos da fé cristã, tornando-se, portanto, uma distorção daquilo que deveria ser Igreja! Ser apostólica é ser enviada para o mundo e servir a humanidade⁶⁹ sendo a encarnação do Cristo no mundo.

Estamos habituados a entender a apostolicidade da Igreja como características dos bispos ou seus pastores, sucessores dos Apóstolos. Esta redução do conceito é posterior. Originalmente, apóstolo era simplesmente o enviado, como se diz no Novo Testamento até Jesus (Hb 3,1). Esses doze discípulos nomeados por Jesus como apóstolos, nas palavras de Boff *são aqueles que decifram o mistério de Jesus como Filho de Deus encarnado*. Portanto, estamos ligados pela fé pelos textos neotestamentários e pela memória viva das comunidades que dão continuidade a essa mensagem evangélica.⁷⁰

A Igreja é apostólica quando se submete a autoridade das Escrituras apostólicas. Carlos Caldas, citando John Stott, com a clareza e a objetividade que marcam seus escritos, comenta o seguinte sobre 2Timóteo 2,2:

Esta é a verdadeira 'sucessão apostólica'. Tal sucessão dependeria de homens, de uma série de 'homens fiéis', mas essa sucessão dos apóstolos refere-se mais à mensagem em si do que aos homens que a ensinam. Deve ser antes uma sucessão da tradição apostólica do que da autoridade, de seqüência ou de ministérios apostólicos. Deve ser uma transmissão da doutrina dos



apóstolos, deles recebida sem distorções, pelas gerações posteriores, passada de mão em mão como a tocha olímpica. Esta tradição apostólica, 'o bom depósito', é hoje encontrada no Novo Testamento. Falando de maneira ideal, os termos 'Escritura' e 'tradição' deveriam ser sinônimos, pois o que a Igreja transmite de geração em geração deveria ser a fé bíblica, nada mais e nada menos. E a fé bíblica é a fé apostólica.⁷¹

Boff vai asseverar que a sucessão apostólica não se reduz, portanto, à funções hierárquicas, a divisão de serviço, portanto, é posterior à base de uma profunda fraternidade e igualdade: todos os portadores da reta doutrina dos apóstolos, é participantes dos três serviços básicos de Jesus Cristo, segundo Boff, são: testemunhar, santificar e ser responsável pela unidade e funcionamento da comunidade⁷² é que garante o fundamento desta apostolicidade da Igreja local e, portanto, universal.

Esse é um princípio de suma importância na Reforma Protestante do Sacerdócio Universal do Crente, todos são herdeiros e responsáveis diretos sobre a fidelidade apostólica da Igreja.

CONCLUSÃO

O enfoque desse trabalho é a reflexão da Igreja enquanto universal, do modo como o Cristo a percebe, não fracionada pelas várias divisões, como se ele mesmo estivesse dividido, mas na sua totalidade. Uma vez que a religião cristã, com as suas várias denominações e instituições, se apresenta como guardiã e depositária desse mistério divino, cabe a ela, portanto, a responsabilidade de encarnar a presença do Cristo na vida comunitária como se ele falasse por meio de seus representantes, vivesse e agisse como revelação do Pai no mundo!

Não é as abordagens reacionárias em extremo sem as revolucionárias em demasia que vão ajudar a Igreja e a missão cristã a alcançar uma maior clareza ou servir melhor a causa de Deus. O que é proposto, em certo sentido, é a reforma e não a substituição. O mesmo vale para o paradigma ecumênico emergente.

Não se pode advogar uma completa substituição do paradigma anterior, como se fosse de todo inútil. Nem é proposta a uniformidade das tradições do cristianismo em uma única denominação cristã, mas uma una-pluralidade no que tange ao amor, santidade e catolicidade, refletindo a sua apostolicidade, embora com membros diferentes, porém com uma só cabeça, Senhor e Deus de todos os que O invocam.

BIBLIOGRAFIA

BARREIRO, Álvaro. *Igreja, povo santo e pecador*. São Paulo: Loyola, 2001.

BOSCH, David J. *Missão Transformadora: Mudanças de paradigma na Teologia da Missão*. Trad. Geraldo Korndorfer; Luís Marcos Sander. São Leopoldo/RS: Sinodal, 2002.

BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e Poder*. São Paulo: Editora Ática, 1994.



BONHOEFFER, Dietrich. *Dietrich Bonhoeffer: Prédicas e alocações*. Trad. Harald Malschitzky. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

CALDAS, Carlos. *Fundamentos da teologia da Igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

CALVINO, João. *A Instituição da religião cristã*. Trad. do Torno II, Livro III. Elaine C. Sartorelli; capítulos 1 a 13 e 20 do Livro IV. Omayr J. de Moraes Jr. Capítulos 14 a 19 do Livro IV Elaine C. Sartorelli. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

COSTA, Hermisten. *Pensadores Cristãos: Calvino de A a Z*. São Paulo: Editora Vida, 2006.

CLOWNEY, Edmund P. *A Igreja*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GIBELLINI, Rosino. *Teologia do século XX*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada igreja de Jesus Cristo: Manual de eclesiologia como Comunhão Orgânica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

HASTENTEUFEL, Zeno. *Infância e adolescência da Igreja*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995.

KÜNG, Hans. *A Igreja*. 2. ed. Lisboa, Portugal: Moraes Editora, 1970.

PIÉ-NINOT, Salvador. *Introdução à Eclesiologia*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

RAUSCH, Thomas P. *Rumo a uma Igreja verdadeiramente católica*. São Paulo: Loyola, 2008.

RULOFF, Jürgen. *A igreja no Novo Testamento*. Trad. Nélio Scheneider. São Leopoldo: Sinodal. Centro de Estudos Bíblicos, 2005.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

NOTAS:

¹ BOSCH, David J. *Missão Transformadora: Mudanças de paradigma na Teologia da Missão*. Trad. [Geraldo Korndorfer; Luís Marcos Sander]- São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002, p. 448.

² PIÉ-NINOT, Salvador. *Introdução à Eclesiologia*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2006, p. 21.

³ BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e Poder*. São Paulo: Editora Ática, 1994, p. 24

⁴ WIKIPEDIA. “Denominações Cristãs”. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cristianismo>>. Acessado em 31.05.2011.

⁵ ADHERENTS. “As religiões mais importantes do mundo”. Disponível em <http://www.adherents.com/Religions_By_Adherents.html>. Acessado em 28.07.11.

⁶ RAUSCH, Thomas P. *Rumo a uma Igreja verdadeiramente católica*. Edições Loyola: São Paulo, 2008, p. 216.

⁷ RULOFF, Jürgen. *A igreja no Novo Testamento*. Trad. Nélio Scheneider- São Leopoldo: Sinodal; Centro de Estudos Bíblicos, 2005, p. 346.

⁸ *ibid.*, p. 347.



⁹ *ibid.*, p. 347-350.

¹⁰ KÜNG, Hans. *A Igreja*. 2. ed. Lisboa, Portugal: Moraes Editora, 1970, p.25.

¹¹ HASTENTEUFEL, Zeno. *Infância e adolescência da Igreja*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995, p. 46.

¹² PADOVESE, Luigi. *Introdução a Teologia Patrística*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 70.

¹³ Ósio de Córdoba (257 - 359 dC), também conhecido como Hósio ou Óssio, foi um bispo de Córdoba e uma dos mais proeminentes defensores do que se tornou o Catolicismo durante a controvérsia ariana, que dividiu a igreja antiga durante o século IV. Após Lactâncio, ele era o mais próximo conselheiro de Constantino, o Grande e o guiou muitos de seus discursos públicos.

¹⁴ Alexandre de Alexandria foi o décimo-nono Patriarca de Alexandria, de 313 dC até sua morte, sucessor de Áquila de Alexandria. Durante seu patriarcado, ele lidou com um grande número de assuntos relevantes para a Igreja na época. Ele foi o líder da oposição ao arianismo. Ele também é lembrado por ter sido o mentor daquele que seria seu sucessor, Atanásio de Alexandria, um dos maiores padres da Igreja.

¹⁵ Tradicionalmente se afirma que, 318 bispos tomaram parte do Primeiro Concílio de Nicéia. Sendo que em 381 d.C no Concílio de Constantinopla foi revisado o credo mais conhecido da cristandade.

¹⁶ HASTENTEUFEL, *op. cit.*, 1995, p. 47.

¹⁷ GIBELLINI, Rosino. *Teologia do século XX*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 106-108.

¹⁸ BARREIRO, Álvaro. *Igreja, povo santo e pecador*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 70.

¹⁹ *ibid.*, p. 72.

²⁰ *ibid.*, p. 72-73.

²¹ BARREIRO, *op. cit.*, 2001, p. 74.

²² VATICAN. "A profissão da fé cristã". Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p1s2cap3_683-1065_po.html>. Acessado em 14.07.2011.

²³ CALDAS, *op. cit.* 2007, p. 23-24.

²⁴ KEHL, Medard. *A Igreja: uma eclesiologia católica*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1997, p. 84.

²⁵ CALDAS, *op. cit.*, 2007, p. 16.

²⁶ KEHL, *op. cit.*, 1997, p. 83.

²⁷ VATICAN. "A profissão da fé cristã". Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p1s2cap3_683-1065_po.html>. Acessado em 14.07.2011.

²⁸ TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 620.

²⁹ RULOFF, *op. cit.*, 2005, p. 274-275.

³⁰ *ibid.*, p. 272.

³¹ *ibid.*, p. 274.

³² KÜNG, *op. cit.*, 1970, p. 47.

³³ COSTA, Hermisten. *Pensadores Cristãos: Calvino de A a Z*. São Paulo: Editora Vida, 2006, p. 25.

³⁴ Cf. Em: At 5,1-11; 1 Co 1,11-13; 3,1; 5,1; 15,12; Fp 4,2-3; 3Jo 9-11; Ap 2,4-5,14-16,20-23; 3,1-3,14-19.

³⁵ CALVINO, João. *A Instituição da religião cristã*. [trad. do Torno II, Livro III. Elaine C. Sartorelli; capítulos 1 a 13 e 20 do Livro IV. Omayr J. de Moraes Jr.; capítulos 14 a 19 do Livro IV Elaine C. Sartorelli]. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 592

³⁶ *ibid.*, p. 26.

³⁷ GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 90.



³⁸ KÜNG, op. cit., 1970, p. 98.

³⁹ KÜNG, op. cit., 1970, p. 99-10.

⁴⁰ *ibid.*, p. 104.

⁴¹ *ibid.*, p. 99-107.

⁴² TILLICH, op. cit., 2005, p. 619.

⁴³ BARREIRO, op. cit., 2001, p. 90.

⁴⁴ *ibid.*, p. 97.

⁴⁵ CALDAS, op. cit., 2007, p. 15.

⁴⁶ Cf. Rm 12,5; Ef 1,22-23; 5,30; Cl 1,18.24.

⁴⁷ A palavra (do grego καθόλικος, transliterado *katholikos*; com o significado de "geral" ou "universal") referir-se à Igreja Universal. Esse termo foi aplicada à Igreja, pela primeira vez, por Inácio de Antioquia, por volta de 110. Há divergências de interpretação do sentido dessa frase: a) uns consideram-na como paralelismo entre a Igreja Local, presidida pelo bispo, e a Igreja Católica, cujo chefe é Cristo, entendendo-a no sentido de universal, de totalidade da Igreja (H. De Lubac, P. Th. Camelot, W. Beinert); b) outros a interpretam no sentido de que o autor quer afirmar que sem o bispo não há verdadeira Igreja, não há legitimidade, num sentido de continuidade entre a Igreja terrestre e a celeste; aqui, "católica" adquire um sentido de verdade e autenticidade, isto é, de Igreja verdadeira. Contudo, os autores, hoje, pensam que a frase de Inácio de Antioquia deva ser entendida no sentido de Igreja total, perfeita: enquanto permanece na verdade e na união com Cristo, é, de fato, única verdadeira. A partir do século II, encontra-se freqüentemente no sentido de Igreja verdadeira. Cf. HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada igreja de Jesus Cristo: manual de eclesiologia como comunhão orgânica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003, p. 118.

⁴⁸ Cf. INACIO DE ANTIOQUIA. *Carta aos Esmirnenses* 8.2. In: *Cartas de Santo Inácio de Antioquia. Comunidades Eclesiais em Formação*. Introdução, tradução do original grego e notas por Dom PAULO EVARISTO ARNS, Petrópolis: Vozes, 1970, p. 81.

⁴⁹ KÜNG, op. cit., 1970, p. 61.

⁵⁰ *ibid.*, p. 88-89.

⁵¹ CLOWNEY, Edmund P. *A Igreja*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 89.

⁵² ALMEIDA, Frank Antonio de. *Apostila de eclesiologia*. Disponível em: < <http://www.regiaosantana.org.br/site/?secao=sender&sub=downloadArquivo&cod=15>>. Acessado em 23.03.2011.

⁵³ CALDAS, op. cit., 2007, p. 38.

⁵⁴ KÜNG, op. cit., 1970, p. 64.

⁵⁵ CALVINO, João. *A Instituição da religião cristã*. [trad. do Torno II, Livro III. Elaine C. Sartorelli; capítulos 1 a 13 e 20 do Livro IV. Omayr J. de Moraes Jr.; capítulos 14 a 19 do Livro IV Elaine C. Sartorelli]. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 467.

⁵⁶ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada igreja de Jesus Cristo: Manual de eclesiologia como Comunhão Orgânica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003, p. 212.

⁵⁷ PAULO II, João (papa). *Código de Direito Canônico*. 16. ed. Loyola: São Paulo, 2005, p.160.

⁵⁸ HACKMANN, op. cit., 2003, p. 213.

⁵⁹ BOFF, op. cit., 1994, p. 206.

⁶⁰ *ibid.*, p. 207.

⁶¹ KÜNG, op. cit., 1970, p. 64.



⁶² “Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, por sobrenome Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu”.

⁶³ *ibid.*, p. 147.

⁶⁴ *ibid.*, p. 145.

⁶⁵ MÜLLER, John Theodore. “Eclesiologia- a doutrina da Igreja” Disponível em: <<http://www.seminarioconcordia.com.br/Artigos/Atributos%20da%20Igreja%20nos%20credos.pdf>>. Acessado em: 14.12.2010.

⁶⁶ KÜNG, *op. cit.*, 1970, p. 74.

⁶⁷ BONHOEFFER, Dietrich. *Dietrich Bonhoeffer: Prédicas e aloções*. Trad. Harald Malschitzky. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 49.

⁶⁸ RAUSCH, Thomas P. *Rumo a uma Igreja verdadeiramente católica*. Edições Loyola: São Paulo, p. 216.

⁶⁹ TILLICH, *op. cit.*, 2005, p. 805.

⁷⁰ BOFF, *op. cit.*, 1994, p. 248.

⁷¹ Apud. CALDAS, Carlos. *Fundamentos da teologia da Igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007, p. 30.

⁷² BOFF, *op. cit.*, 1994, p. 249.

Artigo recebido em 05/11/2011
Artigo aprovado em 01/12/2011